



nº 32
4º trimestre
de 1994

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Director
Paulo Abrantes

Redacção
Alexandra Pinheiro
Ana Paula Canavarro
Ana Vieira
Eduardo Veloso
Helena Lopes
Henrique Guimarães
Isabel Amorim
Maria João Lagarto
Rosário Ribeiro
Susana Carreira

Entidade Proprietária
Associação de Professores
de Matemática

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
3500 exemplares

Composição
Gabinete Técnico da APM

Capa
Gabinete Técnico da APM

Montagem, fotolito e impressão
Costa e Valério
Nº de Registo: 112807
Nº de Depósito Legal: 86359/95

Correspondência
Associação de Professores
de Matemática
Escola Superior de Educação de Lisboa
Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos
1500 Lisboa
Tel/Fax: 7166424

**Nota: Os artigos assinados
são da responsabilidade dos seus
autores, não reflectindo
necessariamente os pontos de vista da
Redacção da Revista.**

Porque é que eu gosto da Pipi das Meias Altas?

João Filipe Matos

Será a força, será a visão das coisas, será o recusar os *paizinhos*? Não penso de todo que tenhamos necessariamente que saber os porquês de tudo. Sou mesmo daqueles que não se preocupam muito de não saber por exemplo porque é que o actual Primeiro Ministro vai (ou não vai) continuar à frente dos destinos do País...

Claro que há porquês e porquês. Penso que como professores é fundamental *sabermos* porquê e para quê é que os nossos alunos aprendem Matemática na escola. Isso é concerteza uma forma de mantermos um grande objectivo em mente que ajuda a orientar as nossas opções como profissionais e a enquadrar e justificar algumas das decisões de conjuntura que temos necessariamente que fazer ao gerir um programa de ensino.

É claro também que os preâmbulos (quem os lê e discute?) dos programas apresentam as Finalidades e Objectivos Gerais do ensino da Matemática. Mas apostava que as razões aí apresentadas têm em geral muito pouco que ver com as razões que (imagino) a Ministra da Educação (ou a sua equipa) tem como suas.

É óbvio também que cada um de nós é capaz de apontar razões e argumentos para que se aprenda Matemática na escola. Quer essas nossas razões e argumentos sejam os dos *Standards* do NCTM (os argumentos dos americanos) quer sejam os (mesmos) argumentos dos novos programas, a verdade é que todos somos capazes de justificar que os alunos devem aprender Matemática na escola.

Mas e as razões da Ministra? Habitúamo-nos durante muito tempo a avaliar a importância atribuída às coisas pelo poder através do tipo de sanção que era aplicada a quem não cumprisse. É à luz desta experiência que devemos interpretar as recentes medidas ministeriais de não deixar transitar de ano os alunos que não forem aprovados em Matemática e em Português? Que o ensino da Matemática é importante para a Ministra não temos já dúvidas. Ainda recentemente, nas prioridades dos cursos de formação contínua a contemplar pelos programas de financiamento, lá estava a Matemática à cabeça. É óvio que a importância aparentemente atribuída pela Ministra à Matemática deveria ter uma correspondência em medidas quer de política educativa quer em termos mais pragmáticos que contribuíssem de facto para melhorar o ensino dessa disciplina. Por outro lado, era importante perceber a natureza da importância que a Ministra atribui à aprendizagem da Matemática. Será que vamos descobrir daí a algum tempo que as preocupações da Ministra têm muito que ver com as preocupações de natureza economicista de diversos ministros da educação em Inglaterra desde o governo de Thatcher em que foi aprovado o currículo nacional? Iremos descobrir que os poucos departamentos do Ministério que ainda dão alguma atenção aos problemas do ensino da Matemática o fazem na lógica de apoio a uma reforma curricular a *qualquer preço*?

Qual é afinal a política do Ministério em relação ao ensino da Matemática? Não se estará a preparar uma infusão (saborosa para alguns...) depois de cozinhar os novos programas na água a ferver da realidade das condições de trabalho dos professores nas escolas? Não sei porquê, ocorreu-me aquela adivinha tradicional de Cabo Verde acerca do café e que não resisto a transcrever em crioulo: "Kuza ma kuza, kru dosi, kusidu margos?" (Qual a coisa qual é ela, crua é doce cozida é amarga?).

João Filipe Matos
Universidade de Lisboa